

ENTREVISTA COM O PROF. DR. AURÉLIO MOLINA

À PROPÓSITO DO DIA DA TERRA E DA URGÊNCIA CLIMÁTICA

ON THE PURPOSE OF EARTH DAY AND CLIMATE URGENCY

Entrevistado: Prof. Aurélio Molina¹

¹ Doutor em planejamento familiar, médico, militante e ativista da bioética, Professor da Universidade de Pernambuco - UPE.

Entrevistador: Prof. Dr. Luiz Alberto R. Rodrigues²

² Doutor em educação. Professor Associado da Universidade de Pernambuco - UPE.

Email do autor: luiz.rodrigues@upe.br

Rodrigues: O Dia da Terra foi criado em 22 de abril de 1970, com o propósito de criar uma consciência comum aos problemas da contaminação, conservação da biodiversidade e outras preocupações ambientais para proteger a Terra. Passados 50 anos, a situação parece não ter avançado. Em que ponto chegamos?

Molina: A gente tem que se preparar para o pior. Eu infelizmente estou entre aqueles que acham que já chegamos, o ponto de retorno já aconteceu. Espero estar errado, mas acho que os sinais são muito claros de que o ponto de retorno já aconteceu. Toda vez que tem uma notícia mundial que corrobora com esta visão, reforça que as mudanças climáticas já estão aceleradas e acontecendo mais cedo, inclusive do que a gente pensava.

Rodrigues: Falta uma consciência cidadã em relação à questão climática? Como os estudos da bioética alertam para essa questão?

Molina: Na verdade, fui o primeiro brasileiro a escrever algo sobre bioética, no meu segundo mestrado, lá na Inglaterra em 1990. Depois, ajudei a fundar o movimento de bioética no Brasil mas me afastei porque achei que o movimento se sofisticou muito, afastou a população de um grande movimento de salvação planetária.

Defendo uma consciência em relação à questão climática, que junte forças de todos os militantes da questão ambiental. Voltei há quatro anos atrás já muito impressionado pelo que eu estava vendo e pela inércia em relação às mudanças climáticas que estavam cada vez mais evidentes e se acelerando.

Rodrigues: O mundo vive mais uma crise em decorrência da guerra entre Rússia e Ucrânia. Esse conflito representa riscos à crise climática?

Molina: A guerra da Ucrânia, que para muitos já é considerada uma Terceira Guerra Mundial, levou a um outro impacto que é o aumento do uso da emissão de gases. A Alemanha estava com um esforço muito interessante para fechar as usinas atômicas e agora, por conta da escassez do gás da Ucrânia, aumentou a produção de combustíveis

fósseis. Tem a crise econômica, o sistema pode derreter a qualquer momento. Tem ainda a crise agora da Inteligência artificial que assustou todo mundo, ninguém esperava que a inteligência artificial tivesse tanto perigo como a gente viu em tão pouco tempo.

Rodrigues: Numa perspectiva de planeta, seria possível pensar em alguma saída para a manutenção da vida humana em outro lugar além do planeta terra?

Molina: Hoje a gente tem a clareza, principalmente com esse último grande telescópio espacial que foi lançado, que nós temos neste universo trilhões de trilhões de galáxias, cada galáxia com trilhões de sistemas solares, cada sistema solar possivelmente com mais de 10 planetas. Mas, com o planeta habitável semelhante às condições do planeta terra, até agora somos o único. Único planeta que a gente sabe que abriga uma vida como a vida humana que é capaz de se interrelacionar com esse Universo. No momento só tem aqui e a gente está destruindo, não temos essa consciência da beleza desse processo aí, da importância e do papel do ser humano que pode ser o protetor ou pode ser o algoz de toda a biosfera. Não só da vida humana mas de toda esfera ou de grande parte da biosfera.

Rodrigues: Que provável cenário vamos ter que enfrentar?

Molina: Temos que nos prepararmos para o pior, eu acho que num país, num estado com tantas prioridades, e elevada desigualdade socioeconômica, onde 5% da população tem a riqueza dos outros e seis famílias tem a riqueza de 100 milhões de brasileiros, o impacto disso no dia a dia é muito grande.

Mas mesmo dentro do cenário eu acho que a prioridade número um neste momento infelizmente é a gente se preparar para o pior. Ainda há pessoas que acham que o clímax da mudança climática pode ser daqui a 30 anos, pode ser daqui um ano a gente não tem não saber como esse evento vai acontecer. Então é necessário a gente se preparar. Eu acho que a Universidade tem um papel muito importante nisso, nessa sistematização, de começar a discutir sistematicamente soluções para os cenários.

Rodrigues: Concretamente o que deve ocorrer de mudanças?

Molina: O mais provável é que aumente muito as chuvas e assim um maior volume de água. O que você vai fazer com as populações ribeirinhas? As populações em regiões de riscos vão sofrer o primeiro Impacto. As mudanças climáticas podem nos levar também a grandes secas. Na história do planeta várias grandes civilizações acabaram com grandes secas. A gente tem que discutir o que vai fazer ser feito em cada cenário, qual a melhor solução. Dá para evitar essa catástrofe. Obrigado.